

D026

Resistência à alfab. digital
na UFRJ

Autômo: UFRJ

1995

Resistência à alfabetização na UFRJ



“O Projeto de Alfabetização de Funcionários do SINTUF RJ vem se deparando com a resistência de chefias, professores e funcionários, que não entendem bem a proposta e desestimulam o aluno”, relata a coordenadora do projeto Simone Araújo. Ela credita o problema

Em um país onde mais de 30 milhões de pessoas não sabem ler e escrever, existe na própria universidade quem discrimine e crie problemas para que funcionários possam romper a barreira do analfabetismo.

a uma resistência geral ao próprio analfabetismo: “As pessoas discriminam quem não é alfabetizado. É um problema sócio-cultural.”

Além da dificuldade de retomar o ritmo de estudo, os alunos do curso ainda têm que enfrentar comentários depreciativos dos colegas e até dificuldades para

liberação no horário das aulas. Já houve caso em que a chefia de determinado setor pediu para o aluno abandonar o curso: ou ele trabalhava ou estudava. Para estudar, um funcionário teve sua hora de almoço cortada. Outro recebia tarefas exatamente no horário das aulas. Um chefe chegou a ponto de ir buscar o funcionário na sala de aula.

“Essas condutas revelam total desconhecimento da importância do trabalho. As pessoas desconhecem a realidade do país. Essa não é uma tarefa da Universidade ou do Sindicato, mas de toda a sociedade.”

A professora argumenta que um especialista que busca fazer um curso para ampliar seu campo de conhecimento e, conseqüentemente, a qualidade do que produz, é valorizado. “Da mesma forma deviam valorizar a iniciativa de alguém que rompe com a barreira do analfabetismo. Não se pode privilegiar um

saber em detrimento de outro.”

Um projeto de democratização da sociedade

“Por que desenvolver um esforço em alfabetização num país com mais de 30 milhões de adultos não alfabetizados?”. Nesse contexto, a resposta parece óbvia: “para criar projeto de sociedade mais democrática, com pessoas mais participativas e com plena consciência da sua condição de cidadão. Ou seja, capazes de intervir e produzir história”, afirma a coordenadora.

A universidade tem em seu quadro um número significativo de pessoas analfabetas. Conviver com isso dentro de um ambiente de produção do saber é, no mínimo, uma situação incômoda. “Se ignorar o problema já é difícil de compreender, é inaceitável reprimir, dificultar ou criar obstáculos aos que querem desenvolver esse trabalho e aos que desejam estudar. É como se as pessoas quisessem ter o poder de decidir quem pode ou não ter acesso ao saber. Caminham na contramão da construção de uma sociedade mais democrática.”

